



A COMUNICOLOGIA SEGUNDO VILÉM FLUSSER

Prof. Dr. Michael Hanke

Departamento de Comunicação Social

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte

1. Apresentação e biografia

Se podemos, entre as várias ciências, encontrar uma sociologia, psicologia, biologia e tecnologia, porque não existe uma “comunicologia”, teoria e ciência da comunicação? A comunicação como objeto científico, especialmente na época da revolução midiática, deve ou pode ser considerada menos importante de que as outras áreas? Não merece uma ciência própria? Este é o raciocínio do pensador tcheco-brasileiro Vilém Flusser.

Nascido em Praga (Tchecoslováquia) em 12 de maio de 1920, Vilém Flusser fugiu dos nazistas em 1939, ainda quando estudante na Universidade Karlov; ele foi o único membro da família que sobreviveu ao holocausto (cf. Flusser 1999: 28-29). Chegou – via Londres – ao Rio de Janeiro em 1940, com esposa e sogros, seguindo para São Paulo, onde fixou residência.

Durante cerca de 15 anos, Flusser trabalhou em firmas comerciais e industriais do sogro, se dedicando aos negócios durante o dia e à filosofia a noite, até, pelos meados dos anos 50, quando resolveu abandonar essa atividade prática, e dedicar-se inteiramente à vida intelectual. Graças ao seu excepcional desempenho intelectual foi convidado a participar no círculo do *Instituto Brasileiro de Filosofia* (IBF), onde passou a participar nas reuniões de seus membros e assistir às aulas, dentre as quais o curso de Lógica Simbólica ministrado pelo prof. Leônidas Hegenberg¹. O interesse filosófico de Flusser firmou-se na Filosofia da Linguagem e nos autores Moritz Schlick, Ludwig Wittgenstein e Rudolf Carnap, cujo leitura indica que ele dominou a língua alemã perfeitamente – como quase todo tcheco-judeu - e iniciou os estudos com o positivismo lógico do Círculo de Viena. Lia também filosofia anglo-

¹ Professor para filosofia da ciência, conhecido como tradutor de Peirce e organizador de uma das primeiras edições deste filósofo no Brasil, *Semiótica e Filosofia* (Peirce 1975).

saxônica e alemã, como Ernst Cassirer, John Dewey e outros autores do pragmatismo americano, Bertrand Russel e Alfred Whitehead, mas Wittgenstein foi o mais influente. Flusser desenvolveu sua própria Filosofia da Linguagem entre 1960 e 1980, que foi publicada nas revistas do IBF e em 1961 começou a escrever sobre esse tópico no jornal *O Estado de S. Paulo*. Também nessa linha lançou, em 1963, o primeiro livro “Língua e Realidade”.²

Em 1959 tornou-se professor de Filosofia da Ciência na Universidade São Paulo, e 1963 de Teoria da Comunicação na *Faculdade de Comunicação e Humanidades da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP)* e na *Escola de Comunicação e Artes* em São Paulo. É na *Faculdade de Comunicação e Humanidades* da FAAP, onde Flusser montou, em 1967, o primeiro curso de Comunicação no Brasil. Ouvimos Flusser:

“Quando eu desenhei junto com Miguel Reale [professor e filósofo de jurisprudência/direito, ex-reitor da USP e fundador do *Instituto Brasileiro de Filosofia*] a estrutura da Faculdade ... (uma estrutura em que eu já estava pensando alguns anos e que eu discuti em Boston com Chomsky, Santillana e Quine), pensávamos em dois tipos de cadeiras, uma das exatas e outro das humanas, que seriam unificadas na cadeira “Teoria da Comunicação”. Por causa dessa função da cadeira “Teoria de Comunicação” (cadeira que eu reservei para mim mesmo) foi possível definir melhor essa vaga noção “Teoria de Comunicação”. Pensei na seguinte definição: “Teoria da Comunicação é um meta-discurso de todas as comunicações humanas, desta forma que ele possibilita evidenciar as estruturas dessas comunicações.” Quero destacar que isso é uma ‘working definition’ para essa situação na *Faculdade de Comunicações [sic] e Humanidades*. Essa definição gerou o programa (ementa) do curso ...” (Flusser 1999: 223, tradução minha)

Segundo este programa (Flusser 1999: 223-25), o campo da comunicação, sendo desordenado e difuso, precisa ser limitado e circunscrito. Para isso é necessário definir as áreas constitutivas e desenvolver métodos correspondentes. Por fim, é necessário perguntar, como os resultados podem ser aplicados na prática da comunicação humana, ou seja, como a teoria pode ser verificada pela prática. A teoria tem a tarefa de disponibilizar os instrumentos para o “comunicólogo”, que assim dispõe de instrumentos para interferir no processo de comunicação.

² Com este livro Flusser encantou João Guimarães Rosa, o que deu início a um diálogo. Segundo Lafer, “Flusser foi atraído e atrai G. Rosa” (1999: 10), e Rosa mandou depois da leitura do livro um telegrama “Maravilhado,



O programa consistia de três níveis: no primeiro, que pode ser chamado “ontológico”, pergunta-se “O que é a comunicação humana?”. No segundo, epistemológico, procura-se métodos e pergunta-se “Como posso analisar comunicação humana para entendê-la?”. E no terceiro, que pode ser chamado “noeticamente engajado”, procura-se métodos para modificar a comunicação existente e pergunta-se “Como deve ser a comunicação humana, o que posso fazer nesse sentido?”. Esse programa, que Flusser tentou desenvolver em todos os seus cursos nessa Faculdade é definido como interdisciplinar no sentido de poder usar competências e métodos de outras disciplinas, como a antropologia, psicologia, neurociência, filosofia e teoria da comunicação, continua sendo atual até hoje.

Em 1965 Flusser começou a lecionar Filosofia da Linguagem no *Instituto Tecnológico de Aeronáutica* em São José dos Campos (onde também atuou Hegenberg). Em 1967 foi contratado pela *Escola Politécnica* da USP para ministrar aulas de “Filosofia e Evolução da Ciência”. Já desde 1963, quando essa escola decidira estabelecer cinco disciplinas humanísticas que formariam o futuro Departamento de Humanidades - aulas obrigatórias para todos os cursos da Poli, lugar provavelmente responsável pelo conhecimento da cibernética e teoria da informação - Flusser tinha atuado como professor auxiliar de ensino do professor responsável pela disciplina, Milton Vargas.³ Vargas lembra que Flusser “desencumbiu-se brilhantemente dessa missão ... de conduzir as discussões no sentido de motivar os alunos de engenharia para assuntos fora das finalidades dos seus cursos técnicos” (1998: 19). Depois ter substituído Milton Vargas como responsável pela disciplina mencionada, Flusser continuou até 1971, quando, com a reforma universitária, a disciplina foi transferida para a *Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas* da USP. Apesar de não ter assumido a disciplina na USP, a influência de Flusser, que se verifica no pensamento de alguns autores brasileiros, se deve à sua atuação anterior à transferência.

Foram vários os motivos de Flusser para deixar o Brasil, dentre os quais, destacam-se as condições desfavoráveis do ensino e a ditadura militar. Com o golpe militar de 1964, Flusser perdera seu sonho de que a cultura brasileira seria uma alternativa para a decadência

emocionado, entusiasmado [sic] poderosos artigos abracos [sic] grato grande amigo G. Rosa” (Flusser 1999: 294). Ver também a autobiografia de Flusser sobre Rosa (1999: 139-150).

³ Além de Vargas destacamos também Miguel Reale e Vicente Ferreira da Silva como amigos e parceiros de discussões. Veja também os respectivos capítulos na autobiografia (1999).

ocidental.⁴ Também, cientificamente, perdeu a confiança num projeto de racionalidade neopositivista, que ele seguiu inicialmente e substituiu, como fio condutor da interpretação da realidade, a ciência pela arte. Quando começou escrever a coluna *Posto Zero* na *Folha de São Paulo*, em 1972, colaborou na preparação da 13^a Bienal de São Paulo, mas aproveitou uma viagem para Europa, e por lá ficou, na esperança de encontrar melhores condições para o trabalho científico. Mudou-se para Itália, e depois para Provence, França. Ensinou como professor na *École d'Art et d'Architecture* em Marseille-Luminy (1977) e na *Théâtre du Centre* em Aix-em-Provence (1986-87) até quando foi Professor Visitante na Universidade Bochum, Alemanha (1991). Faleceu em acidente de automóvel na proximidade de Praga em 1991.

Nessa época européia, Flusser tornou-se muito produtivo; passou boa parte do ano em viagens para participar em palestras na França, Suíça, Alemanha e Estados Unidos (por exemplo, junto com Hans Magnus Enzensberger, na *Museum of Modern Art* em Nova York, numa conferência sobre *The Future of TV*, onde apresentou uma “Fenomenologia da Televisão”). Escreveu e publicou seus livros em quatro línguas – alemão, francês, inglês e português, as quais dominou perfeitamente na fala e na escrita. Visitou regularmente o Brasil e viajou exclusivamente com seu passaporte brasileiro. Dada essa variedade de influências Flusser considerou: „Estou sem terra natal, porque tem terras natais demais em mim. ... Estou em casa em pelo menos quatro línguas ...“ (1999: 247). Talvez por isso tenha rejeitado veementemente a denominação de filósofo alemão, que Abraham Moles usou uma vez.⁵ De sua obra somente poucos textos que foram escritos numa língua são traduzidos nas outras, o que dificulta o acesso a Flusser.

2. Importância e recepção de Flusser no Brasil

A obra de Flusser recebeu também, continuamente, atenção no Brasil (cf. o *Boletim Flusser*, p. e. Machado (1997), Bernardo (1998), Lepargneur (1998), Röller (2001)), e exerceu

⁴ A tradução portuguesa “Fenomenologia do Brasileiro” do livro flusseriano publicado originalmente em alemão desfalca um detalhe: o título alemão “Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen”, grande parte escrito em 1971, significa “Brasil ou: buscando o novo homem”, o que explicitamente expressa a expectativa de Flusser – dado a experiência do nazismo e também uma decepção do marxismo por causa de Stalin e do stalinismo (Flusser 1999: 32) - em relação ao “melhor novo mundo”. Escreve na autobiografia: “O golpe ... me desiludiu ” e causou “minha decepção em relação a minha terra brasileira” (1999: 256). Ver também Vargas (1999: 282).



uma influência, que Celso Lafer, aluno de Flusser, resume recentemente numa maneira poética: “os ventos do seu espírito são invisíveis, mas ainda assim o que eles fazem é manifesto e de alguma maneira sentimos a sua proximidade.” (1999: 16) No ano de 1999 foi organizado um seminário *Vilém Flusser no Brasil* (Bernardo/Mendes 2000), do qual podemos destacar dois artigos de autores, que também se consideram alunos de Flusser: Lúcia Santaella e Arlindo Machado.

Segundo depoimento da Lúcia Santaella, no artigo “Flusser na virada do milênio”, ela tomou conhecimento de Flusser quando, no final dos anos 70, começou a se interessar pela linguagem visual e pela imagem em geral nos seus cursos de pós-graduação em Comunicação e Semiótica, e “muitos de meus alunos, alguns egressos da FAAP, mencionavam Flusser, apontando para a importância de suas idéias.” (2000: 117) Ela ainda destaca “o caráter altamente antecipatório dessa obra” e afirma: “meu pensamento foi e está profundamente marcado pelas idéias de Vilém Flusser.” (2000: 123-4) Segundo Arlindo Machado, organizador da nova edição do livro de Flusser mais conhecido no Brasil, “Ensaio sobre a Fotografia” (1998, anteriormente publicado com um título diferente, “Filosofia da Caixa preta”), a obra desse “notável pensador”, que no Brasil “forjou a maior parte de suas teorias, está sendo hoje reavaliada em todo o mundo” (2002: 27). E ele resume no artigo “Atualidade do pensamento de Flusser”: “Dentre os vários pensadores que despontaram no Ocidente nesta segunda metade do século, Vilém Flusser talvez seja aquele cuja importância mais tem crescido ultimamente.” (2000: 131) Considerações essas, mesmo que sejam um pouco exageradas, dão motivos suficientes para olhar mais de perto a obra desse pioneiro da teoria da mídia e da comunicação, considerado o primeiro a relacionar a teoria da comunicação com as novas tecnologias de informação e sistemas de mídia.

3. Flusser brasileiro e Flusser europeu

Já a biografia sugere diferenciar duas fases na trajetória intelectual de Flusser: uma primeira no Brasil e uma segunda depois de seu retorno para a Europa, o que se reflete na sua obra. Mesmo se o gérmen da segunda fase da produção de Flusser entre 1973 e 1991 já estava

⁵ Abraham Moles - filósofo francês e amigo de Flusser, a quem dedicou um de seus livros (Flusser 1994). Cf. Bollmann (1999: 10).

inserido no centro da primeira fase, a mudança de país refletiu numa mudança de conteúdo e numa orientação da sua obra. A ciência da comunicação humana foi a área de conhecimento e o campo importante de ensino e pesquisa de Flusser já no Brasil, mas somente em sua fase europeia o pensamento flusseriano, desenvolvido entre 1967 e 1972 no país, ganhou forma de publicação. Porém, essa obra da década de 80, época da maior popularidade de Flusser na Europa, na qual há uma ênfase na teoria da comunicação, com livros importantes tais como “Kommunikologie” [Comunicologia] (1998), “Gesten” [Gestos] (1994), “Medienkultur” [Cultura de Mídia] (1997), e “Die Schrift” [A Escrita] (1987), dentre outros, ainda não foi traduzida para o português, e sua obra voltada para a filosofia da comunicação “praticamente ignorada” no Brasil (Mendes 2000: 217). Por isso, e porque a recepção se concentrava na *Filosofia da caixa preta*, não existem “produções associadas estruturalmente ao pensamento teórico de Flusser” (Mendes 2000: 219). Assim, é necessário estudar essa fase da teoria de comunicação de Flusser europeu para superar a carência de conhecimento de uma obra tão relevante para os estudos da comunicação e a história da disciplina.

4. Panorama teórico

4.1 Comunicologia: Teoria da comunicação e da mídia

O termo “Comunicologia” traduz o título do livro “Kommunikologie”, publicado em alemão (1998), através do qual Flusser denominou sua teoria sobre a comunicação humana. A “Comunicologia” trata as formas e códigos dessa comunicação, que é definida como processamento, armazenagem e divulgação de informação já existente, assim como a criação de nova informação.

Comunicação, segundo Flusser, sempre depende da mídia, e talvez a maior descoberta realizada por ele foi perceber que qualquer mídia possui uma lógica própria, ou seja, que uma mídia transmite informações sobre a realidade segundo leis próprias. Se mudamos a estrutura da mídia, mudamos também a realidade percebida.

Pode-se dizer que, talvez, a idéia da lógica particular da mídia já estivesse presente de forma embrionária no primeiro livro *Lingua e Realidade*. A língua é concebida não só como mapa da realidade (ecoando Wittgenstein), mas como algo que compõe um “feedback” entre

si mesmo e a realidade, possibilitando perceber a realidade, ontológica, epistemológica e esteticamente, como Flusser mesmo resume (1999: 144-45). Naquela época, marcado pela Filosofia da Linguagem, Flusser considerou o diálogo como essência da língua. A língua se efetiva na conversa e “é sinônimo de intelecto se definida como ‘campo no qual se dão organizações de palavras’” (Lafer 1999: 7). Daí que o “interior impenetrável” do homem “produz constantemente símbolos e estruturas ordenadas” (Flusser 1999: 240), como já observou Cassirer.

A Teoria da Comunicação pertence à área das “humanas”⁶ e é uma disciplina interpretativa (2000: 12) – a contrário da “Teoria da Informação” ou “Cibernética”. Essa teoria coloca no centro do processo o ser humano como *animal symbolicum*, o qual tem uma necessidade fundamental para se comunicar, e em seu entorno as mídias, que trabalham entre os homens e os objetos do mundo.

Flusser foi um dos primeiros a perceber as conseqüências da revolução causada pela nova tecnologia da mídia e informação, e se tornou “o único filósofo que assumiu, cedo e sem quaisquer reservas, o desafio de um futuro moldado pela mídia ..., começando por sua filosofia da fotografia.” (Ströhl 2000: 58-59). Modificando Marx, ele considera não mais a propriedade e a economia, mas a informação e a comunicação como aquilo que confere poder e constitui a infra-estrutura da sociedade. (1997: 155) Identifica duas revoluções industriais: a primeira que mudou o trabalho e a segunda, iniciada pela fotografia e telegrafia, que mudou a comunicação. Também a última afetou as relações sociais, ou seja, junto com as mídia transformam-se os códigos que operam neles. Segundo ele, a revolução dos códigos causada pela TV, computador e vídeo seria tão profunda como a revolução causada pela máquina a vapor (2000: 236). Naquela época Flusser considerou que estamos no meio desse processo de mudanças e rupturas, e por causa disso precisando uma ciência da mídia e da comunicação. Igualmente, como a tecnologia trata a primeira revolução, a “comunicologia” deveria tratar a segunda, a da mass mídia e imagens técnicas. Para entender essa nova revolução cultural é necessário analisar o nível onde ela se realiza, ou seja, o nível da comunicação. (1998: 235-36, 265)

⁶ “Humanities”, segundo expressão em inglês usada por Flusser (2000: 9).

No livro “Cultura de Mídia” (“Medienkultur”) Flusser descreve o estado atual da sociedade e a revolução comunicacional, assim como a sociedade da informação telemática e as transformações de espaço e tempo. Aqui inseridas são as teorias de imagem, que tratam a relação *mundo – imagem – texto – imagem técnica* e desenvolvem uma fenomenologia da fotografia, filmes, vídeo, televisão e cinema. A proliferação das imagens e a tendência atual na sociedade moderna de apresentar cada vez mais informação em imagens audiovisuais em vez de textos (Manovich 2001: 78), processo que recentemente vem recebendo atenção científica sob o título de “virada pictorial” (“iconic turn”), foi antecipada por Flusser. Ele pode ser visto como um pioneiro dessa discussão, pois constava na sua obra a reflexão sobre a crescente preponderância das imagens técnicas como meios de comunicação. Nessa época, denominada por ele “pós-histórica”, conceito que parte de uma mudança de paradigmas nos códigos com os quais nos comunicamos (e não deve ser confundido com “pós-modernidade” (cf. Ströhl 2000: 49-54)), os sistemas de escrita são substituídos pelas imagens técnicas, num “processo circular que retraduz textos em imagens” (Santaella 2000: 125), produzindo ameaças à sociedade; de tal forma que a crítica da comunicação e das imagens de Flusser se apresenta como uma crítica da sociedade e da cultura. Assim Flusser diagnostica, já naquela época, o colapso dos textos e a hegemonia das imagens nas sociedades pós-históricas: na “revolução das imagens técnicas”, elas “passam a ser ‘falsas’, ‘feias’ e ‘ruins’; além de não terem sido capazes de reunificar a cultura, mas apenas de fundir a sociedade numa massa amorfa.” (Flusser 1998: 38)

4.2 Semiótica, Fenomenologia e Cibernética

O afastamento da academia e as circunstâncias biográficas já sugerem um caráter próprio e auto didático de leitura e aprendizagem. Flusser mesmo caracteriza seu estilo de filosofar como um jogo de xadrez, considerando os filósofos como figuras. (1999: 51) E segundo Lafer, “Flusser não era um pensador bem comportado ... Integrava a família intelectual dos grandes carnívoros. Devorava livros e idéias, antropofagicamente ...” (1999: 9). Assim, o pensamento de Flusser apresenta uma *mistura própria*. Dessa obra extensa e multifacetada destacamos aqui três aspectos teóricos: a) a semiótica, b) a fenomenologia, e c)



a cibernética. Dadas as circunstâncias nas quais esse texto é apresentado, os aspectos b, c são aqui tratados mais brevemente, o que não quer dizer que eles sejam menos importante.

A semiótica se articula através da centralidade que a noção do código ocupa na teoria flusseriana: “O mundo codificado” é o título programático de um livro (Flusser 1974) e repetidamente de vários capítulos de livros.

Flusser se encaixa na tradição da semiótica ocidental e define o ser humano como *zoon politikon*, se referindo (sem fonte, como faz frequentemente) a uma fórmula de Aristóteles (Pol. 1, 2, 1253a), segundo a qual esse *zoon politikon* depende essencialmente da existência de signos (semeios) e língua/linguagem (logos) para fins de comunicação. O resultado dessa sociabilidade se chama *koinonia*, raiz grega da palavra “comunicatio” em latim.

Nesse sentido, um código é um sistema de símbolos ou signos ordenados por regras, cuja finalidade é possibilitar a comunicação entre pessoas. O ser humano é visto como animal solitário, que tenta superar sua solidão através de símbolos, ou seja, pela comunicação, pelo reconhecimento dialógico do outro, o que é o motivo existencial de toda comunicação. Assim, a comunicação humana é vista como processo artificial, que depende de ferramentas e instrumentos, ou seja: símbolos.

A função do intelecto é simbolizar e propor novos códigos; criar símbolos é um processo contínuo de dar às coisas e objetos do mundo um novo significado, e cada novo símbolo visualiza o mundo de uma perspectiva nova e diferente. O significado de um símbolo pode ser, por sua vez, outro símbolo, e assim nascem hierarquias de símbolos. (Flusser 1997: 23, 1998: 299, 1999: 199-200, 2000: 9)

Qualquer significado é indicado por signos ou símbolos e sintomas (cf. 1998: 25, sem fazer referência à Peirce, que Flusser não cita). Símbolos são entidades, cujo caráter convencional é estabelecido numa maneira consciente ou inconsciente, e que representam outras coisas, em última instância, “coisas concretas”. A representação do mundo, alcançada pelas operações de abstração e imaginação, é fundamental, não só para a percepção de imagens, mas para quaisquer “mediações entre o homem e o mundo”. (Flusser 1998: 29) Para aqueles que aceitam a convenção como “código” e sabem decodificar os símbolos, estes representam significados. Assim, símbolos são fenômenos essencialmente intersubjetivos, porque eles só existem para quem participa na convenção. (Flusser 1998: 250)

Flusser usa excessivamente a noção de código para se referir à todas as linguagens, como por exemplo, ao se referir à divisão das fotografias em canais de distribuição que é denominado “uma operação de *transcodificação*” (1998: 70), ou: do ponto de vista do jornal, “a fotografia *recodifica* os artigos lineares em imagens” (1998: 71, grifos meus). Outros exemplos para códigos são a escrita, os gestos humanos e também as mídia - estruturas (materiais ou não, técnicas ou não), nas quais funcionam códigos. Essa noção flusseriana da mídia - “Media Studies” foram considerados também o núcleo do programa da FAAP - é abrangente, compreendendo desde a língua, os gestos e as pinturas de grutas, até as redes atuais. Também o telefone e uma turma de alunos, o corpo e o futebol são considerados mídia, ou seja, permitem o funcionamento de códigos, cada um à sua maneira. O que importa não é a “natureza” da mídia (como pensa McLuhan), mas a maneira de uso e a articulação do código.

Flusser concebeu a sua teoria dos gestos (1994) como disciplina interpretativa “das manifestações fenomenais da liberdade” (1999: 15). Gesto é um movimento corporal simbólico, cujo motivo é a produção de um significado. (1997: 8-10) Flusser diferencia o gesto de *escrever, falar, fazer, amar, destruir, pintar, fotografar, filmar, plantar, ouvir musica, fumar cachimbo, telefonar, de procurar*, e “o gesto do vídeo”. (1997: 32-216) Decifrar gestos, ou seja, descobrir os significados deles, é uma atividade permanente na nossa vida cotidiana. (1997: 10) Esse caráter comunicacional do gesto é tratado com a dicotomia “*emissor – receptor*”, que Flusser usa habitualmente: o significado do emissor e o conteúdo decodificado do lado do receptor fazem parte de dois códigos diferentes; só “podemos falar em comunicação *de verdade*” se os dois são decodificados simultaneamente e “o gesto do falante é entendido pelo outro parceiro”. (1997: 225)

Os gestos do ser humano não são um objeto entre outros, mas tão básicos e relevantes para a comunicação que a teoria geral de gestos se equipara à teoria da comunicação, “porque a dimensão comunicativa de gesto é primordial em relação às outras dimensões.” (1997: 217) A comunicação face-a-face, cuja importância Flusser percebeu no início da formação acadêmica através da conversa - lugar onde a língua se desdobra - está preservada aqui.

Flusser acentua a sociabilidade como um aspecto cultural do ser humano. Uma vez que o homem é um animal que sabe armazenar informações adquiridas (2000: 12), a transmissão de informações armazenadas na memória de uma geração para as memórias da próxima geração é vista como função principal da comunicação. Define o ser humano pela

comunicação, que é baseada em símbolos, organizados em códigos, estes também chamados de “cultura” (1998: 74). Este raciocínio corresponde perfeitamente à definição de semiótica de Umberto Eco, segundo a qual a cultura “deveria ser estudada como um fenômeno de comunicação baseado em sistemas de significação.” (Eco 1997: 16) A cultura recebe tratamento distinto de várias ciências diferentes, mas do ponto de vista específico da teoria da comunicação, a cultura é analisada sob o aspecto da transmissão de mensagens. Como a teoria da comunicação analisa fenômenos intersubjetivos, trata os fenômenos humanos sob o aspecto simbólico, ou seja, busca o significado e analisa símbolos e códigos; isso significa buscar os motivos da codificação, e não as causas (social, político, econômico, psicológico, histórico etc.), quer dizer, os motivos são interpretados como fenômenos intersubjetivos. (1997: 9-10, 261, 1998: 246) Flusser deixa muito claro, que a ciência da comunicação tem que se distinguir das outras ciências sociais e focalizar o aspecto comunicativo dos fenômenos, para não correr o risco de “psicologizar” ou “sociologizar”, o que poderia refletir numa perda do caráter humanista da comunicação. (1998: 256)

Enfim, a teoria da comunicação e a teoria dos símbolos, ou “semiologia”⁷, são dois lados de um mesmo processo uma vez que a codificação é considerada o problema central comunicação. (199: 226)

A Fenomenologia de Husserl (que também contém uma teoria da semiótica (Husserl 1928)) foi talvez a primeira influência e a mais profunda, através da qual Flusser foi conduzido, na década de 50, à Heidegger, outro fenomenólogo fundamental para seu pensamento (Vargas 1999: 279). A noção flusseriana, segundo a qual realidade é “tudo contra o que esbarramos no caminho para a morte, portanto, aquilo que nos interessa”, tem claramente a influência da filosofia de Heidegger. Vários títulos (aqui traduzidos para português) indicam um conteúdo fenomenológico, tais como o artigo “Para uma Fenomenologia da Televisão” (1974), e os livros: “Coisas e Não-coisas: rascunhos fenomenológicos” (1993), “Elogio da superficialidade. Para uma Fenomenologia da Mídia” (1995), “Fenomenologia do Brasileiro” (1998), “Gestos: uma aproximação fenomenológica”

⁷ Flusser não usa o termo “semiologia” no sentido estruturalista, mas no sentido genérico e portanto similar a “semiótica”. Para ele, “semiologia” é sinônimo com “doutrina de significados” (“Bedeutungslehre”) (1997: 220).

(1994). E Lafer atesta sua “inclinação para a análise fenomenológica – de que é excelente exemplo o conjunto de ensaios publicados na França (*La force do quotidien*”). (1999: 15)

A influência da cibernética se reflete no uso das noções básicas como “Informação”, “Entropia” e “Redundância”, “Canal”, “Medium”, “Codificar” e “Decifrar”, “Input” e “Output” (1998: 23-25, 34, 72, 2000: 19). As imagens técnicas são produzidas por um “aparelho-operador”, uma “caixa negra”, de que se vê “apenas o *input* e o *output*”, e quem “vê o *input* e o *output* vê o canal e não o processo codificador que se passa no interior da *caixa negra*.” (1998: 35) “Emissor”, “Receptor”, “Código” e “Símbolos” são elementos constituintes do modelo flusseriano de comunicação, definido como processo de manipulação de informação, e o homem é considerado “o único fenômeno capaz de produzir informações com propósito deliberado de se opor à entropia” (1998: 65-66). As (quatro) estruturas fundamentais do discurso são diferenciadas segundo o modo como a informação é distribuída entre emissor e receptor, canais e códigos (1998: 66, mais explicitamente 2000: 16-50). Também na filosofia da fotografia de Flusser, “informação”, além de “receptores” e “programa”, são considerados “conceitos-chave” (1998: 91). Mas Flusser se distancia explicitamente do modelo simplista do tipo emissor-receptor geralmente disseminado, que, para ele, é considerado “idiotizante” (1998: 270). Usa essas noções cibernéticas quase sempre entre aspas, para indicar uma alteração semântica de termos cunhados por outros pensadores. Essa modificação terminológica foi estimulada por autores, além dos já mencionados, tais como: Kant, Kafka, Jaspers, Nietzsche, Hannah Arendt, Marcuse, Sartre, Buber, Ortega y Gasset e Kelsen.

Assim, Flusser percebeu a importância fundamental da comunicação para o homem e a sociedade, tanto na forma do diálogo interpessoal como na forma midiática. Ao recorrer à fenomenologia, ele usufruiu um dos paradigmas filosóficos mais frutíferos do século XX. Para fazer juízo ao caráter específico da comunicação, é indispensável uma noção de troca de informações, e assim ele integra, ainda que de forma crítica e com reservas, elementos da teoria cibernética. Já que para Flusser qualquer comunicação depende da mediação de um signo, a teoria da comunicação tal como ele entende, sempre opera com termos da semiótica. Sendo um pioneiro institucional da área da comunicação, reuniu essas correntes teóricas diferentes e pertinentes ao campo da comunicação. Além disso, Flusser antecipou o



conhecimento atual acerca da sociedade de informação, comunicação e mídia, o que inclui as mudanças estruturais decorrentes desse processo.



Bibliografia

- ARISTÓTELES: Politeia. London (W. Heinemann, The Loeb Classical Library).
- BERNARDO, GUSTAVO E MENDES, RICARDO MENDES (orgs.): Vilém Flusser no Brasil. Rio de Janeiro (Relume Dumará) 2000.
- BERNARDO, GUSTAVO: Os gestos de Vilém Flusser, Boletim Flusser No 5.
- BOLLMANN, STEFAN: Vorwort des Herausgebers, in: Vilém Flusser: Medienkultur. Frankfurt/Main 1999: 7-18.
- BOLLMANN, STEFAN: Editorisches Nachwort. In: Vilém Flusser: Kommunikologie, Frankfurt/Main (Fischer) 2000: 353-355.
- ECO, UMBERTO: Tratado Geral de Semiótica. São Paulo (Ed. Perspectiva) 1997.
- FLUSSER, VILÉM: Língua e Realidade. São Paulo (Herder) 1963.
- _____ : La Force du Quotidien. [O poder do cotidiano] Tours (Mame) 1973.
- _____ : Le Monde codifié. [O mundo codificado] Paris, 1974
- _____ : Two Approaches to the Phenomenon of Television. [Duas aproximações ao fenômeno da televisão] The New Television (MIT Press), Cambridge, MA 1977.
- _____ : Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo, 1981. (Nachgeschichte: eine korrigierte Geschichtsschreibung. Düsseldorf, 1993.)
- _____ : Für eine Philosophie der Photographie. [Para uma filosofia da fotografia] Göttingen, 1983.
- _____ : Ins Universum der technischen Bilder. [Entrando no universo das imagens técnicas] Göttingen, 1990 (1992).
- _____ : Die Schrift. Hat Schreiben Zukunft? [A Escrita. Escrever tem futuro?] Frankfurt (Fischer) 1992.
- _____ : Dinge und Undinge: phänomenologische Skizzen. [Coisas e Não-coisas: rascunhos fenomenológicos] München, 1993
- _____ : Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen. Fuer eine Phaenomenologie der Unterentwicklung. [Brasil ou em busca ao novo homem. Para uma Fenomenologia do subdesenvolvimento]Mannheim (Bollmann) 1994. Portugues: Fenomenologia do Brasileiro (1998).



- _____ : Gesten. Versuch einer Phaenomenologie. [Gestos: uma aproximação fenomenológica] Frankfurt/Main 1994.
- _____ : Lob der Oberflächlichkeit. Für eine Phänomenologie der Medien. [Elogio da superficialidade. Para uma Fenomenologia da Mídia] Köln 1995.
- _____ : Medienkultur. [Cultura da Mídia] Org.: Stefan Bollmann. Frankfurt/Main (Fischer) 1997.
- _____ : Kommunikologie. [Comunicologia] Orgs.: Stefan Bollmann e Edith Flusser. Frankfurt/Main (Fischer) 1998.
- _____ : Ensaio sobre a Fotografia. Para uma filosofia da técnica. Apresentação de Arlindo Machado. Lisboa (Relógio d' Água) 1998.
- _____ : Ficções Filosóficas. Introdução Maria Lilia Leão. Apresentação Milton Vargas. São Paulo (edusp) 1998.
- _____ : Bodenlos. Eine philosophische Biographie. [Sem fundo. Uma autobiografia filosófica] Frankfurt/Main (Fischer) 1999.
- _____ : Die Informationsgesellschaft. Phantom oder Realität? [A sociedade da Informação – Espectro ou Realidade?] Audio-CD. Koeln (Editora Supposé) 2002.
- _____ : Heimat und Heimatlosigkeit [Terra Natal e Falta de Terra Natal] Koeln (Editora Supposé) 2002.
- HOFFMANN, STEFAN: Geschichte des Medienbegriffs. Hamburg (Meiner) 2002.
- HUSSERL, EDMUND: Logische Untersuchungen. Vol. 2., primeiro parte: Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Halle a.d.S. (Niemeyer) 1928.
- LAFER, CELSO: Prefacio. In: Vilém Flusser: A Duvida. Rio de Janeiro (Relume Dumará) 1999: 5-16.
- LEPARGNEUR, PADRE HUBERT: In Memoriam Vilém Flusser. Boletim Flusser No 8, 1998.
- MACHADO, ARLINDO: Repensando Flusser e as imagens técnicas. Boletim Flusser No 2, 1997.
- MACHADO, ARLINDO: Atualidade do pensamento do Flusser. In: Bernardo/Mendes (orgs.), 2000, 131-143.



MACHADO, ARLINDO: Nota de rodapé em: Vilém Flusser: Sobre a descoberta e a ciência. Em: Galáxia. Revista transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura 3, 2002, pág. 27-34. (Nota pág. 27)

PEIRCE, CHARLES SANDERS: Semiótica e Filosofia. Introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo (Editora Cultrix) 1975, 1993, 9ª edição.

RAPSCH, VOLKER (org.): Über Flusser: die Fest-Schrift zum 70. von Vilém Flusser. [Sobre Flusser. Contribuições para a 70. Aniversário] Düsseldorf, 1990.

RÖLLER, NILS: Um Platão da Era dos Computadores. In: Folha de São Paulo. Mais! 16/12/2001, pp. 12-13.

SANTAELLA, LÚCIA: Flusser na virada do milênio. In: Bernardo/Mendes (orgs.) 2000: 117-130.

STRÖHL, ANDREAS: Flusser como Pensador Europeu. Em: Gustavo Borges e Ricardo Mendes (orgs.): Vilém Flusser no Brasil. Rio de Janeiro (Relume Dumará) 2000: 45-80.

VARGAS, MILTON: Vilem Flusser in Brasilien. In: Vilem Flusser: Bodenlos. Eine philosophische Autobiographie. Mit einem Nachwort von Milton Vargas. Frankfurt (Fischer) 1999: 279-286.

VARGAS, MILTON: Apresentação. In: Flusser, Vilem: Ficções Filosóficas. São Paulo (edusp) 1998: 17-21.